

ALFABETIZAR OU ELABORAR PROJETOS?

Simone Werneck
simonewerneck@bol.com.br

Professora Regente do Município do Rio de Janeiro. Graduação em Pedagogia pela UERJ. Pós-Graduada pela UFRJ pelo Curso de Especialização para Professores da Educação Básica (CESPEB) em Alfabetização, Leitura e Escrita.

Durante alguns anos, reneguei a mim mesma a tarefa de alfabetizar. Me sentia incompetente para tal função, na verdade era insegura, tinha estudado pouco sobre o processo de alfabetizar, não tinha a menor experiência. A alfabetização era assunto pouco conversado, o que se via e se lia, eram práticas de reprodução automatizada da leitura e da escrita. Essas práticas não me diziam nada e não entendia como era possível continuar com elas por tantas décadas, mesmo com todas as falas de que a escola, a sociedade, os alunos não eram mais os mesmos. A segurança só veio quando comecei a me cercar de leituras, de práticas positivas e principalmente de resultados.

O trabalho com projetos sempre foi norteador da minha prática. No início mais tímido e a cada ano com nova turma foi ganhando peso, forma e sentido. Foi e é fundamental para o melhor desenvolvimento da leitura, da escrita, da oralidade e do crescimento dos meus alunos. Acredito que a cada ano surgem novas possibilidades e o grupo me surpreende com suas escolhas.

Relato aqui, suas escolhas, porque os projetos são desenvolvidos de acordo com o interesse do grupo. Durante as primeiras semanas de aula, já converso com os alunos e vou percebendo o interesse que apresentam por variados temas.

Como professora e orientadora desse processo, também palpito, com minhas opiniões a respeito de possíveis temas de estudo e que estejam de acordo com o interesse da turma. O desenho do projeto vai desenvolvendo-se e tornando-se cada vez maior, justamente porque os alunos são instigados a participar ativamente dessa construção. Eles fazem parte do processo; além do que os projetos sempre estão interligados a outras áreas do conhecimento e aos conteúdos pertinentes ao ano escolar.

É o professor que determina esse movimento de adequação do tema em estudo aos conteúdos e abordagens em outras áreas e que faz as devidas relações, no momento de planejar as aulas. É por isso que também é um aprendizado para o professor, pois me vejo o tempo todo refletindo sobre as possibilidades de trabalho dentro daquele tema em estudo e

como posso realizar o trabalho de alfabetização com aquele material vivo que está sendo produzido e estudado.

Os projetos são escritos pelo professor e são lidos para a turma em seguida e todo o grupo define como será feita a culminância do mesmo. Todos os processos são sempre feitos em discussão com todo o grupo para que a participação e o envolvimento de todos, de fato, aconteça.

A oralidade permeia todo esse processo de construção do projeto coletivamente e de elaboração das atividades e encaminhamentos de aprendizado dos alunos. Estamos o tempo todo discutindo e reinventando o estudo. Entendo que é complicado separar o que é estudo do que é alfabetização. Muitas vezes quando falo a respeito do trabalho com projetos para outros professores, sou indagada no seguinte sentido: em que momento entra a alfabetização? E o ba-be-bi-bo-bu? E a sistematização da leitura e da escrita? Mas na realidade esse trabalho não é separado e sim é o próprio trabalho de alfabetizar, pois dentro do projeto sistematizo a escrita, trabalho com textos de diferentes gêneros, utilizo o conhecimento do aluno, trabalho a oralidade, a produção individual e coletiva, estimo a colaboração e a troca de experiências entre o conhecimento dos alunos e dou sentido à alfabetização.

O conhecimento é trabalhado, discutido e construído o tempo todo. Inicialmente, a exploração da oralidade nas rodas de conversa é de extrema importância, pois é valorizado o pensamento individual e coletivo. Os alunos têm oportunidade de expor o que pensam através de sua linguagem e assim aprendem a valorizar a troca de mensagens e de linguagens entre o grupo. O momento de se dizer, de se fazer ouvir e de calar para ouvir o outro. A construção do conhecimento vai se tecendo pelo seu dizer e pelo dizer do outro, o coletivo se cria por todas as vozes geradas e partilhadas. É com essa linguagem que se começa a formar o pensamento sobre a leitura e a escrita.

Não trato aqui da linguagem estruturada em fonemas, sílabas ou letra. Minha ênfase é na linguagem viva, capaz de construir um discurso através das relações dialógicas. Com os estudos bakhtinianos, tenho pensado na linguagem como "o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana." (BAKHTIN, 2003, p. 261).

Os gêneros discursivos, definidos por Bakhtin, abrem um leque de exploração para o trabalho na alfabetização, pois podemos encontrar o assunto estudado sob diversas perspectivas e estruturas, com estilos e formatações diferenciadas e todos eles dentro da vida do aluno. O mais importante é que o trabalho é desenvolvido com as práticas de leitura e escrita que estão no dia-a-dia dos alunos e que fazem realmente um sentido para o

aprendizado da leitura e da escrita, através dessa dialogicidade entre a linguagem e os gêneros discursivos.

As rodas de conversa feitas diariamente também estimulam os alunos com suas fantasias e os trazem para a realidade, pois todos os dias tem leitura nessa roda. As leituras variam de acordo com o programado pelo professor e também de acordo com o interesse do grupo. Os alunos cobram e exigem as leituras, no início é mais comum o pedido dos livros de literatura infantil, mas com o passar do tempo, o professor deve introduzir outros textos para diversificar e mostrar que o leque de opções de escrita e de leitura são variados, permitindo assim, que os alunos vivenciem outras práticas de leitura e de escrita também.

Os diferentes gêneros possibilitaram interação com o mundo real: músicas, poesias, textos rimados, biografias, receitas, histórias, lendas, textos descritivos, matérias jornalísticas. O trabalho com as diferentes linguagens permitem a expressividade do aluno, permite a reelaboração do seu pensamento e com isso melhor formação. O aluno lê, escolhe o que lê, porque é capaz de pensar e de dizer o que é importante para si como leitor e como aluno. Esse caminho pode e deve começar logo nos anos iniciais, os alunos são capazes de escolher e de decidir sim, mas temos sempre que orientar esse processo. O aluno compreende melhor o que lê, quando tem conhecimento de mundo, conhecimento da língua (ortografia, gramática, pontuação) e oralidade bem desenvolvida.

O professor não pode se excluir dessa tarefa, suas intervenções, suas escolhas para o grupo, devem ser pensadas e bem planejadas. Assim os alunos poderão decidir quais caminhos escolher. A tomada de iniciativa do aluno não se faz sozinha, não é um autodidatismo, há de se ter um planejamento de trabalho bem desenvolvido pelo professor para essa formação aflorar.

Durante todo o desenvolvimento do projeto e o processo de alfabetização, os alunos passam por cinco espaços discursivos das produções, que se compõem coletivamente e individualmente. O coletivo acontece quando o aluno se faz ouvir, quando ele expressa o seu pensamento através da linguagem. Em seguida, a individualidade é notada através da escrita espontânea. Quando os alunos escrevem espontaneamente, já começam a apontar seus pensamentos a respeito da linguagem formal. A coletividade entra em cena novamente na negociação de sentidos dos textos, na qual os alunos repensam seus textos com a ajuda do grupo. A revisão e reescrita do texto observando as normas técnicas e a linguagem, ocorrem individualmente, é nesse momento que o aluno mergulha em seus escritos para a refacção; ou seja, para refazer, para rever o que está feito. E por último, a publicação ou a circulação desse estudo para outros espaços ou outros grupos.

Já realizei projetos de autores, como Vinicius de Moraes e Monteiro Lobato, de pintores, como Tarsila do Amaral e Cândido Portinari, e outros tantos de animais, de poesias, de produções de textos, de arte, de música, do bairro da Maré, de brinquedos com sucata e reciclagem, dos biomas brasileiros, folclore brasileiro e lendas. Infelizmente não tenho o registro de todos, pois quando comecei com esse trabalho, não dava o devido valor ao registro como dou hoje.

Dentre tantos os citados anteriormente, elejo um para relatar neste texto. Tal projeto foi realizado com uma turma de segundo ano, numa escola do Município do Rio de Janeiro, localizada na Maré, na Vila dos Pinheiros.

O Projeto Lobato

Estávamos no início do ano de 2012, e eu já vinha acompanhando as turmas desde a educação infantil. O fato de conhecer o grupo e do grupo conhecer o meu jeito de trabalho facilitava nas conversas, nas percepções e no encaminhamento do mesmo. O projeto estava previsto para um bimestre, mas os desdobramentos foram tantos que durou um semestre.

Havíamos feito anteriormente, na educação infantil, um trabalho com sucatas, quando confeccionamos uma boneca com copos de guaravita; esta boneca foi pintada de preta e as crianças deram o nome de tia Nastácia, era comum também a presença da boneca Emília no meio dos brinquedos e eles sempre envolviam os personagens nas brincadeiras e histórias que reproduziam em sala.

Quando sentamos para conversar sobre qual seria o autor de estudo daquele ano e qual seria o projeto a ser desenvolvido, logo eles tocaram na possibilidade de fazer um projeto sobre a Emília. Então fiz uma série de perguntas, sobre o que eles sabiam dessa personagem, se conhecia de onde ela era, quem tinha criado e as respostas foram aparecendo. Nessa época havia reprise do Sítio do Pica-Pau-Amarelo na televisão e eles estavam acostumados a assistir. Então tudo ficou mais fácil, havia um conhecimento prévio e um forte interesse do grupo pelo tema escolhido. É importante que essa escolha surja do interesse dos alunos, para que o estudo se torne verdadeiramente interessante e instigante.

Começamos os estudos pela personagem Emília, houve um interesse natural pelos outros personagens e aí então iniciamos de fato o Projeto Monteiro Lobato. Como disse anteriormente o desdobramento para o autor se deu naturalmente, visto que o interesse por parte dos alunos foi ficando cada vez maior. Nos momentos coletivos o grupo perguntava sobre o autor da obra e eu sempre informava com curiosidades da vida dele, da infância,

trazendo fotos e fatos interessantes da vida de Lobato. A curiosidade foi ficando cada vez mais notória e a introdução do estudo do autor e dessa obra em particular, aconteceu.

Em nossa sala de leitura, tínhamos bastante acervo sobre as obras de Monteiro Lobato, o que facilitou o acesso dos alunos ao material impresso. Não queria ficar apenas com as imagens da televisão, queria que eles comparassem o escrito com o televisivo. Queria a criticidade e a opinião sobre a riqueza dos detalhes e a riqueza das imagens. Na verdade, a exploração acontecia o tempo todo, pois era dela que se aguçava a curiosidade, que se fomentava o desejo de saber e aprender mais.

Iniciamos com o estudo dos personagens e suas características principais: Visconde de Sabugosa, Pedrinho, Emília, Narizinho, Marquês de Rabicó, Tia Nastácia e Dona Benta. Essas características retirávamos não só por parte do apelo visual como também por parte das histórias lidas diariamente. As primeiras produções, Emília e Tia Nastácia, foram feitas coletivamente, eu era a escriba e a turma produtora oral. Porém logo depois comecei a trabalhar com as produções de grupo; ou seja, cada grupo ficava responsável em estudar o personagem escolhido e escrever no grupo as características do mesmo. É claro que esse processo foi longo, muitas intervenções tiveram e muitos textos foram escritos e reescritos para que chegassem ao produto final, que foi apresentado ao restante da turma como parte do estudo.

Grande parte do grupo já lia e escrevia bem, o que facilitava o processo de escrita e composição dos textos, mas havia na turma, um grupo que ainda não tinha consolidado o processo de leitura e de escrita. Esses trabalhos coletivos ajudavam esse grupo a crescer no seu conhecimento. Em alguns momentos era necessária uma intervenção maior por minha parte, pois as discussões ficavam acaloradas, e era preciso que os alunos percebessem que o texto devia ser construído pela ideia de todos e não apenas de um só.

A dialogicidade é importantíssima no processo de construção coletiva de texto. Quando o projeto é relatado, tem-se a impressão de que é fácil de executar, mas na verdade, são feitos à base de muita conversa e muita renúncia.

Paralelamente às produções, outras atividades iam acontecendo como o abecedário do sítio, "as receitas da Tia Nastácia" realizadas e provadas em sala de aula, as leituras da professora e dos alunos das histórias, o teatro de fantoches confeccionados pelos alunos criando novas histórias ou até mesmo reproduzindo as conhecidas, os vídeos do Sítio com a comparação da história da televisão e a história escrita: como no casamento da Emília. As músicas da abertura do sítio, da Cuca, receitas de poções mágicas da Cuca que inventamos, rimas com o nome dos personagens, composição de poesia envolvendo o nome dos personagens, estudo sobre a vida do autor e seus outros trabalhos, caricaturas criadas pelos

alunos de Monteiro Lobato e a produção final do livro com algumas dessas atividades de leitura, escrita, produção e arte.

Os trabalhos de arte foram colocados em exposição, algumas turmas da escola puderam assistir ao teatro dos alunos, alguns alunos contaram histórias do sítio em outras turmas, vários murais foram montados na escola para divulgar o estudo e ao final, cada grupo apresentou seu personagem de estudo para a turma.

Considerações finais

O projeto envolveu não apenas a escrita, como também a leitura e arte. É importante que o trabalho se desenvolva com perspectivas nas diferentes habilidades. Alguns alunos são melhores em algumas áreas do que outras e vice-versa, e isso tem que ser valorizado e facilitado pelo professor. Quando o aluno se sente capaz de produzir, ele se mostra mais confiante no seu aprendizado e no seu conhecimento. As atividades desenvolvidas também variavam, ora mais fáceis, ora mais difíceis, o que realmente era importante, é que todos estavam compartilhando daqueles saberes e aprendendo novos conhecimentos, mesmo que em tempos distintos.

A sala de aula é rica em diversidade, de comportamento, de educação, de saber e muitas outras variantes. É essa composição tão distinta que faz com que o processo de alfabetização seja enriquecedor também, não só para os alunos como também para o professor.

Todo esse trabalho aconteceu durante o primeiro semestre do ano de 2012. Alguns alunos ainda estavam consolidando o processo de alfabetização, e outros já estavam mais à frente, porém o que é interessante é que o projeto envolveu a todos, oportunizando a melhora da escrita e da oralidade de todos os alunos. É claro que o trabalho é cansativo e difícil, porque tem que ter negociação de tudo: desde o que se escreve, ao que se desenha, o que se pinta, o que se apresenta, o que se quer fazer tudo, o que não se queria fazer muito. São alunos comuns que brigam, discutem, mas que aprendem desde cedo a negociar tudo o que pretendem fazer.

Afinal de contas, a vida é assim, com diferenças sociais, culturais e linguísticas que marcam a forma como entendemos o mundo em que vivemos. É desse mundo que fazemos parte e a escola não pode realizar um trabalho à parte do mundo. A língua é viva, é latente e é com ela e através dela que agimos naturalmente. No final de tudo, o que fica é o conhecimento trocado, as experiências vividas e a discursividade.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.